

# Tipity, arqueologia de um sonho tropical

**Marcelo Carlos Gantos**

Pós-Doutorado pela Escuela de Estudios Hispano – Americanos (EEHA), Espanha. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) - RJ - Brasil. Professor da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) - Campos dos Goytacazes, RJ - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/6823520027124695>

*E-mail:* mcgantos@gmail.com

Publicado em: 12/10/2018.

## RESUMO

O artigo se propõe a interpretar e narrar um episódio singular esquecido da história da industrialização fluminense e do “pioneirismo” germânico no Brasil durante a primeira metade do século XX. Analisam-se e contam-se as peripécias da história comandada pelo barão Ludwig Kummer da meteórica construção e declínio de Tipity, monumental fábrica de farinha de mandioca localizada no deserto sanjoanense, interior do Estado do Rio de Janeiro, considerada na época o maior complexo industrial de seu tipo na América Latina. Ao mesmo tempo baseado numa arqueologia visual dos vestígios do empreendimento, discute-se a relação entre o patrimônio industrial e o valor da ruína considerada como fonte de estudo do passado e instrumento de ressignificado do patrimônio. Reflete-se sobre o papel da evidência iconográfica como artefato cultural e regime de visualidade apto para ampliar a leitura e compreensão histórica da dinâmica sociocultural (e estética) das relações de poder e os conflitos inerentes ao ciclo da industrialização fluminense, durante a experiência histórica do Estado Novo no Brasil.

**Palavras - chave:** Patrimônio industrial. Arqueologia visual. Cidadania cultural.

## *Tipity, archeology of a tropical dream*

### ABSTRACT

*This article in essay form is proposed narrate and interpret one singular episode forgotten of the history of fluminense industrialization and the germanic pioneering spirit in Brazil during the first half of the twentieth century. The adventure led by Baron Ludwig Kummer refers to the meteoric construction and decline of Typity, the monumental manioc flour factory erected in the Desert Sanjoanense located within the State of Rio de Janeiro, at that time the greater complex of kind in Latin America. At the same time based on a visual archeology is discussed the relationship between industrial heritage and the value of the ruin as a source of study of the past and his ability as an instrument of heritage resignification. It reflects on the role of the iconography evidence as cultural artifact that provides a regime of visibility apt to recognize the historical comprehensiveness of sociocultural (and aesthetic) relationships and conflicts contained in the fluminense industrialization cycle during the historical experience of the Estado Novo in Brazil.*

**Keywords:** Industrial heritage. Visual archeology. Cultural citizenship.

## **Tipity, arqueología de un sueño tropical**

### **RESUMEN**

*El artículo se propone interpretar e narrar un singular episodio olvidado de la historia de la industrialización fluminense y del “pioneirismo” germánico en Brasil durante la primera mitad del siglo XX. Se analiza y narra las peripecias de la meteórica construcción y decadencia de la monumental Fábrica de Harina de Mandioca Typiti comandada por el Barón Ludwig Kummer. En su época el complejo industrial, localizado en el Desierto Sanjoanense, interior del Estado de Rio de Janeiro, se destaca por ser la mayor industria del género en América Latina. Basados en un ejercicio de arqueología visual de los vestigios del complejo fabril se discute la relación entre patrimonio industrial y el valor de la ruina como fuente de estudio del pasado e instrumento de (re) significación patrimonial. Se reflexiona sobre el papel y valor de la evidencia iconográfica considerada como artefacto cultural y régimen de visibilidad apto para ampliar la lectura y comprensión histórica de la dinámica sócio-cultural (y estética) de las relaciones de poder y los conflictos inherentes al ciclo de industrialización fluminense durante la experiencia histórica del Estado Novo en Brasil.*

**Palabras clave:** *Patrimonio industrial. Arqueología visual. Ciudadanía cultural.*

### **INTRODUÇÃO**

O texto é uma versão da comunicação apresentada durante a participação na sessão do painel intitulado “Imagens, Educação e Cultura” dentro da I Bienal Nacional de Imagens na Ciência, Arte, Tecnologia, Educação e Cultura, ocorrida na tarde do dia 7 de junho de 2013 no Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Este relato é resultado da pesquisa intitulada “Arqueologia visual do Patrimônio Industrial Norte Fluminense”, desenvolvida no (PPGPS) Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais da UENF. Nela praticamos um exercício de inventário visual do repertório industrial da região no século XX, marcado historicamente pela predominância da economia do açúcar e, de modo geral, pela agroindústria. Nessa busca pelos interiores da região nos deparamos com a descoberta das ruínas industriais de Tipity. Um complexo agroindustrial de farinha de mandioca, hoje abandonado e localizado nas margens do Rio Itabapoana no sertão sanjoanense, município de São Francisco de Itabapoana, norte do Estado de Rio de Janeiro, na divisa com Espírito Santo.

Neste ensaio contaremos uma experiência singular de reconstrução do passado de Tipity, inspirada na pesquisa documental e na memória visual e social deste episódio esquecido da história da industrialização fluminense e do “pioneirismo” germânico na região durante a primeira metade do século XX no Brasil. O objetivo da pesquisa perpassa o fim desta comunicação e avança postulando a qualificação patrimonial das ruínas industriais da região como potenciais lugares de memória das comunidades locais e ativos culturais para alavancar a construção de arranjos inovadores para promover o destarte do desenvolvimento regional. Vistos desta perspectiva, as ruínas de Tipity e seu patrimônio industrial passam a ser considerados como uma alternativa da reestruturação econômica do município e como dimensão do processo de efetivação do direito à cultura dos seus cidadãos.

Figura 1 – Vista atual das ruínas do complexo Tipity



O texto apresenta e contextualiza o cenário e os atores do processo histórico de construção e decadência da monumental fábrica de farinha de mandioca Tipity, na época considerado o maior complexo industrial do gênero na América Latina. Este inusitado empreendimento foi concebido e construído a partir de 1939 em pleno período do Estado Novo pelo seu mentor, o barão Ludwig Kummer. O barão, como é recordado até hoje na memória social da comunidade de Barra de Itaboapana, foi um destacado asilado político de origem austríaca e de passado aristocrático vinculado à grande indústria e comércio armamentista, que emigrou junto à esposa para o Brasil, proveniente da Argentina, durante o advento do regime nazista. Uma vez nos trópicos, ajudado pela fortuna familiar e relacionamentos políticos estabelecidos com a elite fluminense, tornou-se destacado proprietário rural, pioneiro da industrialização fluminense e do comércio e produção em grande escala de farinha e derivados de mandioca, cultivo ancestral da região.

Simultaneamente à reconstrução histórica da experiência de Tipity, busca-se discutir o papel das identidades culturais e produtivas regionais associadas ao legado material e imaterial da indústria e da cultura da mandioca na região do sertão sanjoanense, bem como seus efeitos na memória social da comunidade e no desenho do futuro.

A pesquisa no município ganhou fôlego a partir da descoberta e tratamento de uma inédita iconografia sobre a construção do empreendimento pertencente ao herdeiro do barão, recentemente restaurada, organizada e digitalizada pela equipe da pesquisa. Baseados no exercício da leitura e contextualização destes vestígios documentais e na compreensão in situ da magnitude material da experiência do complexo Tipity, ensaiamos uma abordagem heurística sobre o papel das ruínas da fábrica, hoje em total abandono, como subsídio para avançar em uma discussão sobre o papel da educação patrimonial e sua potencial incidência política.

Nesse sentido, partimos da hipótese de que a materialidade das ruínas de Tipity, enquanto testemunho da experiência passada, pode constituir graças à força de sua monumentalidade e da eficácia da reinvenção do seu relato, instrumento político para a ressignificação identitária da sua região, seja nos aspectos sociais ou econômicos. Simultaneamente, sua iconografia, enquanto fonte documental, passa a servir de suporte para desmitificar as representações de senso comum e míticas sobre o passado local e a construção de uma história local. Isto é uma versão atualizada e documentada do passado regional que possa contribuir na recuperação da experiência de Tipity, subsidiando a promoção de um processo de conhecimento, autoestima e conscientização da comunidade local sobre a importância da sua história, e que estimule a requalificação patrimonial do sítio associada à ideia da revitalização da cultura da mandioca como marca originária da identidade produtiva regional e fonte de melhoria econômica e de bem-estar dos habitantes do município.

Desde a perspectiva teórica e metodológica discutimos a relação entre o valor da evidência iconográfica considerada como um artefato cultural dotado de um regime de visualidade próprio e a sua função na compreensão do papel das ruínas como lugar de memória do local na dinâmica estética, sociocultural e produtiva contemporânea. Nos propomos alargar o debate sobre o patrimônio industrial, indagando à luz de Tipity a problemática das narrativas imagéticas e sua relação com os modos de percepção das relações espaço-temporais contidas no ato de visita e contemplação das suas ruínas e alegorias (CHOAY, 2000), considerando-as como potenciais metáforas identitárias.

Partimos da constatação resultante de nossas pesquisas anteriores de que nas regiões rurais do interior do norte fluminense, devido a sua histórica condição periférica e atual déficit de cidadania, desenvolvimento humano e estancamento econômico, as ruínas agroindustriais remanescentes do seu ciclo áureo do século XX e seus legados diversos permanecem negativados e invisíveis. Desta forma, num contexto cada dia mais globalizado, onde a alegoria do patrimônio ocupa um espaço de múltiplas referências, se desperdiça a possibilidade

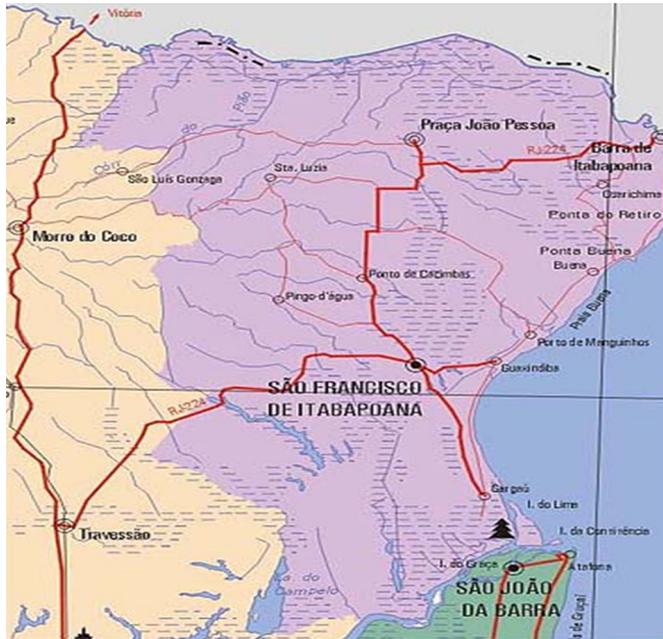
de dinamizar um potencial capital simbólico e produtivo do passado para benefício atual dos seus herdeiros. As ruínas dos “interiores” abandonados e desconexos, como é o caso do complexo Tipity, ao ser negligenciadas pelo relato histórico oficial, passam a ser esquecidas pelo poder público e despercebidas pela população, pelo tanto desconsideradas tanto como rito e alegoria do patrimônio cultural material e imaterial dessa comunidade, quanto suporte identitário e ativo econômico a ser agendado no planejamento e articulação de novos arranjos produtivos e políticas públicas para o desenvolvimento local.

Desde a época da colonização, São Francisco de Itabapoana formou parte do território do município de São da Barra, até que em 1995 ganha sua autonomia, com a edição da Lei nº. 2.379, de 18 de janeiro, e é desmembrado em 1º de janeiro de 1997. A sede municipal está situada nas coordenadas geográficas 21°18’07” de latitude sul e 40°57’41” de longitude oeste, numa altitude média de 8 metros. O município possui área de 1.122,3 km<sup>2</sup>, correspondentes a 11,5% da área da Região Norte Fluminense. É o segundo maior município na região norte e um dos maiores municípios, em área, do Estado, distando 320 km da capital do Estado. Ele faz divisa com o município de Campos dos Goytacazes a oeste, e o município de São João da Barra, ao sul. Ao norte, faz divisa com os municípios de Presidente Kennedy e Mimoso do Sul, no Estado do Espírito Santo, que tem o Rio Itabapoana como divisor dos Estados. Sua costa leste é banhada pelo Oceano Atlântico.

De acordo com a Lei Orgânica Municipal, de 30 de julho de 1999, o território do município está constituído das projeções marítimas de sua área continental e de três distritos, com categoria de vila, a saber:

- o 1º Distrito é São Francisco de Itabapoana, com a denominação sede do município;
- o 2º Distrito é Itabapoana, com sede em Barra de Itabapoana;
- o 3º Distrito é Maniva, com sede em Praça João Pessoa.

Figura 2 – Mapa do município de São Francisco de Itabapoana.



Fonte: IVT-Insituto Virtual do Turismo

São Francisco de Itabapoana pertence à Região Norte Fluminense, que também abrange os municípios de Campos dos Goytacazes, Carapebus, Cardoso Moreira, Conceição de Macabu, Macaé, Quissamã, São Fidélis e São João da Barra. De acordo com o censo demográfico de 2010, São Francisco de Itabapoana tinha população de 41.344 habitantes, correspondendo aproximadamente a 5,9% do contingente da Região Norte Fluminense, com proporção de 106,3 homens para cada 100 mulheres. A densidade demográfica era de 36,4 habitantes por km<sup>2</sup>, ante 74 habitantes por km<sup>2</sup> de sua região. Sua taxa de urbanização corresponde a 46,7% da população, enquanto na Região Norte Fluminense tal taxa corresponde a 85,1%, sendo um dos cinco municípios que apresentam menores índices de urbanização do estado.

Em 2013, segundo o *Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil*, que é uma plataforma de consulta ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 5.565 municípios brasileiros, São Francisco de Itabapoana figura como penúltimo no *ranking* dos 92 municípios do Estado do Rio de Janeiro.

IDHM é um índice composto por três indicadores de desenvolvimento humano: vida longa e saudável (longevidade), acesso ao conhecimento (educação) e padrão de vida (renda). De acordo com os dados do Ministério do Desenvolvimento Social, 15,6% da população de São Francisco vive em situação de extrema pobreza. Os indicadores demográficos e socioeconômicos atuais do município evidenciam um panorama preocupante de estagnação e retração econômica que tem longa história de frustrações que se alastra na região desde o declínio de Tipity.

### **DA VILA DE MANIVA À CHEGADA DA TIPITY INDÚSTRIAS DE MANDIOCA LTDA.**

Até a década de 1940 – quando foi construída pelo a primeira estrada que ligou a localidade de São João da Barra a Campos dos Goytacazes –, o “sertão” permaneceu isolado das demais regiões do Norte Fluminense e literalmente esquecido pelas autoridades políticas. Isolado até então, o único meio de transporte era o animal, e o carro de boi foi o meio empregado no transporte da mandioca, que se tornou o principal produto cultivado na região.

Figura 3 – Vista atual do sertão sanjoanense e do Rio Itaboapoana



De acordo com alguns pesquisadores e escritores da região, o povoamento do sertão não vigorou até quase meados do século XVII, período em que a antiga capitania foi dividida, e os novos donos assumiram as terras como fazendeiros de gado e proprietários de escravos, desenvolvendo a pecuária e uma lavoura de subsistência na região. Segundo Oscar (1985), as peculiaridades do solo sanjoanense levaram essa região a se manter na criação de gado no decorrer de todo o século XVII. Somente no século seguinte a produção açucareira começou a ser desenvolvida, mesmo que de forma incipiente com relação às demais regiões do Norte Fluminense.

O abandono das lavouras de subsistência e sua substituição pelo plantio da cana em Campos dos Goytacazes, no final do século XVIII, gerou grande dificuldade de obtenção de produtos alimentícios para a região. Diante disso, as autoridades campistas recorreram aos vizinhos sanjoanenses para que ajudassem no suprimento de gêneros alimentícios de primeira necessidade.

Mediante a “crise de alimentos” na região de Campos, e posteriormente a pedido da Corte que se instalara no Rio de Janeiro no início do século XIX, a produção desses gêneros foi intensificada, levando o sertão sanjoanense a se especializar e suprir não só as necessidades da região açucareira de Campos, como também as da Corte no Rio de Janeiro. Resultando, no final do século XVIII, no aparecimento de inúmeras grandes e médias propriedades (desmembradas e/ou arrendadas) envolvidas com o cultivo de alimentos nesta região.

Após a abolição da escravatura, com a chegada de colonos predominantemente portugueses e a utilização do trabalho assalariado desses colonos, o número dessas propriedades se multiplicou. No entanto, além dos colonos, uma população pobre oriunda principalmente da parte sul do Rio Paraíba (São João da Barra), deslocou-se para a região que hoje compreende o município de São Francisco de Itaboapoana, para trabalhar na derrubada de matas para a ampliação da pecuária e plantio de lavouras. Pelo que consta, essa população passou a formar a principal mão de obra das fazendas, instalando-se como colonos nas várias propriedades espalhadas pela região.

Somente no século XIX a cana-de-açúcar se consolidou como uma das principais culturas em algumas partes do município, período em que foram construídos alguns engenhos. Na parte que correspondia ao *sertão*, parece que o plantio da cana lentamente ganhou alcance, vindo a substituir a criação de gado apenas na segunda metade do século XX. Até esse período, além da pecuária, a mandioca foi o principal produto cultivado em larga escala nesta região. Motivo pelo qual uma parte do sertão ficou durante muito tempo conhecida como “Vila de Maniva” condição diferenciada do local que foi decisiva para a decisão de fundar Tipity nessa região.

Já na década de 1930, tendo em vista a entrada de capital estrangeiro no Brasil, o então presidente da República, Getúlio Vargas, assinou um decreto lei em 30/11/37 determinando que: “a farinha de trigo fabricada e moída no país só poderia ser usada nos trabalhos de panificação, com a adição de 30% de fécula, ou farinha extraída de produto nacional apropriado”. Assim, a Secretaria de Agricultura do Estado do Rio de Janeiro, sabendo da existência da potencialidade dessa região historicamente “mandioqueira”, e do interesse de um barão austríaco em investir no país, convidou-o para instalar uma fábrica de fécula de mandioca no sertão sanjoanense.

## **TIPITY, RETALHOS DE UMA HISTÓRIA EM CONSTRUÇÃO**

No dia 19 de agosto de 1939 assinou-se o contrato constitutivo da Tipity Indústrias Mandioca Ltda., assentando as bases do empreendimento que chegaria a ser o mais ousado e moderno do continente. Inaugurada em janeiro de 1940 pelo seu idealizador, o barão austríaco Ludwig Von Kummer, em sociedade com Aurélio Faccioli Grimani, a usina ou fábrica de farinha Tipity constituiu-se em megaempreendimento de escala sem precedentes para sua época no Brasil e América Latina. Seu principal objetivo inicial era abastecer o mercado nacional com um tipo de farinha de mandioca apropriada para a fabricação de

pães. Todo o complexo de produção da usina foi construído meteoricamente em apenas 12 meses, com tecnologias avançadas e investimentos próprios oriundos da fortuna do barão, que se constituiu no acionista principal da pujante empresa.

Um jornal da época noticiava a novidade da seguinte forma:

(..)Avulta-se no acervo do progresso do nosso município quiçá do Estado, a poderosa organização agro –industrial denominada Tipity Ind. Mandioca Ltda....iniciados os trabalhos de instalação dessa poderosa empresa, logo a outrora quase inerte povoação tomou aspecto diferente. Centena de operários, nas suas múltiplas ocupações, são bem uma demonstração positiva do ressurgimento para a vida de um povo que parecia voltado permanentemente a permanecer indefinidamente na imobilidade. O dinamismo dos fundadores e diretores da Tipity, apoiado em sólidos recursos financeiros foi o grito de rebate ao marasmo secular da vila estacionária.” (KUMMER, Ludwig Kummer. Assalto no município. Uma narração em três capítulos. Campos dos Goytacazes, S.E,1947, p.12)a

Para o funcionamento da fábrica foi estabelecido um acordo entre o governo e o barão, pelo qual ficou definido que a fábrica se limitaria apenas à fabricação do amido, deixando a cargo dos agricultores da região a produção da mandioca. A vasta extensão de terras da fábrica era dividida em roças de mandioca, distribuídas em regime de meação com agricultores que não possuíam terras.

O barão, até então prestigioso nobre austríaco que atuava com representante comercial da fábrica de armamentos austríaca Steyr na América, ingressou no Brasil o 21 de janeiro de 1939, conduzindo moderno carro de sua propriedade, pela fronteira do Chuí, Uruguai, vindo de Argentina, por onde havia desembarcado proveniente de Europa para agenciar seus negócios.

Figura 4 – À direita, em primeiro plano, barão L. Kummer acompanhando uma comitiva de empresários e políticos fluminenses numa visita à Fábrica Tipity



Munido de passaporte austríaco e “foragido” da guerra, ao providenciar sua documentação no Rio de Janeiro, e já anexada a Áustria à Alemanha por Hitler, foi registrado como alemão.

Cheguei ao município no ano de 1939 à procura de uma nova pátria. A minha Áustria já estava perdida ao Nazismo e invadida pelo exército de Hitler. Cheguei ao Brasil com experiência e capital e com a firme vontade de reconstruir a minha vida e o futuro de minha família (Ludwig Kummer. “Assalto no município. Uma narração em três capítulos”, Campos dos Goytacazes, S.E, 1947, p. 10).

No auge de seu funcionamento a fábrica chegou a produzir uma média de 21 mil sacas de 50 kg por mês, gerando cerca de 400 empregos diretos e superando rapidamente a meta inicial de 20 mil sacas/mês. A principal matéria-prima era proveniente das lavouras da região, aquecendo a agricultura e garantindo o sustento de 300 famílias de pequenos produtores rurais.

Mas o lado empreendedor dos fundadores da Tipity não se limitou à instalação da fábrica. No livro *Apontamentos para a História de São Francisco de Itabapoana*, o historiador Roberto Pinheiro Acruche destaca a importância do barão Kummer para o progresso do antigo sertão sanjoanense. A Tipity foi, de acordo com Acruche, a responsável pela implantação de energia elétrica em Barra do Itabapoana e pela construção da estrada que liga Barra a São Francisco de Paula, hoje sede do município, além de contribuir para que fossem abertas as estradas que ligam São Francisco a Gargá e a Travessão de Campos.

Mas a fase de prosperidades começou a declinar três anos após a fundação da Tipity, quando o mundo vivia sob o impacto da Segunda Guerra Mundial. Além de limitar a produção em apenas 12 mil sacas/mês, o governo brasileiro adotou uma política de interesses comerciais com a Argentina, de onde passou a ser importada a farinha de trigo que substituiria a farinha de mandioca panificável.

Figura 5 – A moderna frota de veículos de carga incorporada para a fábrica pelo barão L. Kummer



O complexo agroindustrial Tipity no seu auge chegou a estar composto por quatro fábricas e uma fazenda de mandioca de cerca de 250 alqueiras. A fazenda era lavrada por centenas de trabalhadores rurais em regime de parceria agrícola ou meação, todos com contratos assinados. O barão fornecia a terra e a mecanizava, os parceiros apenas se obrigavam a vender a sua parte à Tipity em condições de igualdade com outros compradores; se estes oferecessem melhores preços, a venda estaria liberada.

Avançado o conflito da Grande Guerra em 1944, o barão Kummer viveu um drama na sua vida pessoal de terríveis consequências. Acusado de ser espião nazista, ele foi obrigado a prestar uma série de esclarecimentos. Mesmo não sendo confirmada a sua ligação com os nazistas, o episódio muniado pela imprensa carioca e local acabou contribuindo para que a fábrica de farinha Tipity entrasse de uma vez por todas em decadência.

A imprensa fez eco às suspeitas, colaborando para desprestigiar o industrial e manipular a opinião pública:

Em 30 de junho de 1944, a *Folha Carioca* publica:

“Graves suspeitas sobre um industrial. A Usina Tipity, de propriedade de um barão austríaco estaria abastecendo os submarinos nazis nas costas fluminenses”.

No mesmo dia o jornal *O Globo* publica na sua primeira página uma entrevista com o coronel secretário de segurança do Estado do Rio de Janeiro, Argenor Barcelos Feio, que declara que na Barra de Itabapoana “Vive um misterioso barão austríaco... numa região onde precisamente foram lançados, na costa fluminense, espiões do Reich, preparados pela Gestapo para desvendar segredos militares do Brasil”. Quase um mês depois, em 5 de julho, comentava: “ Trouxe até carros de assalto para o Brasil, o barco nazista! Sensacionais revelações sobre o misterioso industrial, dono da fábrica Tipity (...)”

A *Folha Carioca* intitulou sua notícia na primeira página do jornal:

“Submarinos nazistas abastecendo-se no Brasil?”

Miranda Bastos, amigo e advogado do barão, já em 1947, condenava a falsidade da campanha que derrubou Tipity :

Uma propaganda criminosa, metódica , fez com que a Tipity de Barra de Itaboapana não fosse mais venerada como um milagre . Passará ser considerada como um núcleo de nazistas incumbidos de uma missão misteriosa, que diziam visava ao abastecimento de submarinos do Eixo nas suas inúmeras incursões no Atlântico Sul e outros serviços de grande importância contra o Brasil. Chegou-se ao ponto de enviar um avião bombardeiro que sobre voou a região, as fábricas, horas inteiras, pejado, pronto para entrar em ação se necessário fosse!” Júlio de Miranda Bastos “Depoimento. Antecedentes, desenrolar e consequências sociais do caso Tipity (BASTOS, 1947, p.143).

A invenção mitográfica e o tempo venceram os resquícios da verdadeira história de Tipity. Sobre os fatos, obscurecidos por boatos e rumores nunca comprovados sobre a identidade e propósitos ocultos do barão, coexistem versões desconstruídas que incriminam a responsabilidade do fracasso do projeto, tanto a intervenção direta do governo brasileiro numa persecução política ao barão Kummer, quanto a uma conspiração de interesses locais associados a grupos econômicos sediados no Rio, envolvidos na disputa do florescente negócio da farinha de mandioca.

Mais de 70 anos após a chegada ao Brasil do barão, seus herdeiros ainda mantêm a marca Tipity, mas tanto a produção, quanto as instalações, o maquinário e o projeto são bem mais modestos que nos áureos tempos.

Figura 6 – Vista da atual fábrica mantida na região, remanescente da Tipity



Ludwig Kummer nunca mais se recuperou moralmente da queda estrepitosa da Tipity nem voltou para sua Europa natal. Escolheu se retirar e viver junto a sua esposa, a baronesa, o resto de sua vida, entre Petrópolis e Barra do Itabapoana, onde manteve sua antiga residência, até falecer nos anos 90. Hoje seus restos e os da baronesa descansam discretamente no cemitério local. Atualmente o barão Kummer dá nome à rua onde se encontra sua antiga residência.

## A ERA PÓS-TIPITY

Mesmo com o fechamento inesperado da fábrica, a crise do setor e a longa e intrincada disputa judiciária contra o Banco do Brasil, da qual o barão saiu vitorioso, mas derrotado moralmente, as décadas de 1950 e 1960 foram o período de apogeu da lavoura mandiocqueira. Esse produto era cultivado principalmente por colonos que tocavam roças à meia com fazendeiros da região, relação de trabalho esta que possibilitou certa acumulação de capital por parte dos camponeses. Mesmo sem a Tipity, a mandioca continuou a ser processada nas bolandeiras ou pequenas fábricas de farinha que apareceram na região, desde as mais artesanais, às mais mecanizadas. Nessas bolandeiras, além da farinha – o principal produto extraído da mandioca – outros derivados como tapiocas, beijus, bolos, doces, etc., foram e ainda são atualmente em menor escala, importante fonte de sobrevivência, e em alguns casos, de renda, para as famílias da região, constituindo uma tradição cultural de culinária vinculada fortemente à formação da identidade produtiva do sertão sanjoanense.

A partir da década de 1970, graças ao forte incentivo do governo federal ao cultivo da cana-de-açúcar, através do Programa Proálcool, a paisagem da região se modifica, e as fazendas de gado e lavoura passam a sediar grandes plantações de monocultura da açúcar. Período em que os fazendeiros dispensaram grande parte dos colonos das terras, para que as roças de mandioca fossem substituídas por extensas lavouras de cana-de-açúcar.

Desse modo, os lavradores e colonos que no auge da plantação mandiocqueira conseguiram acumular recursos e comprar pequenas propriedades, abandonaram as fazendas e passaram a viver do trabalho familiar. Os que não tiveram a mesma sorte foram dispensados das propriedades, tendo que se adaptar com a lida (limpa e corte) nas insalubres plantações açucareiras.

A substituição massiva da mandioca pela cana levou muitas bolandeiras a serem aos pouco fechadas nos meados da década de 1980, desempregando muitos agricultores. Entretanto, o fomento do estado da fruticultura atuou como uma saída para esses agricultores, motivo pelo qual em 1983 chegou a ser criada uma cooperativa de fruticultores – a Cooperfrut –, à qual grande parte dos pequenos e médios agricultores se associou, passando então a se dedicar ao cultivo do maracujá e do abacaxi.

Contudo, em decorrência das dificuldades de organização e entendimento entre os pequenos agricultores, a cooperativa foi fechada, abrindo espaço para a atuação crescente de “atravessadores”, que pagavam preços muito baixos por esses frutos. Assim, muitas famílias abandonaram a fruticultura e retornaram às lavouras de mandioca, o plantio da cana ou migraram aos centros urbanos em busca de novas atividades. Foi desse modo que algumas famílias conseguiram ampliar suas áreas de roça, adquirir terras ou outros terrenos em localidades vizinhas, além de combinar a produção agrícola com a criação animal (bovinos/equinos), e/ou retomar a produção e beneficiamento da mandioca nas tradicionais bolandeiras que oferecem seus produtos na beira da estrada.

## IMAGEM E PATRIMÔNIO

O trabalho se propõe a pensar a questão do patrimônio agroindustrial vinculado à potencialidade heurística da fotografia como escala e fonte de elaboração de modos de ver o passado de Tipity. A ideia implícita nos modos de ver nos indica uma ação que se expressa como um jogo de discursos e de práticas sociais que constituem formas distintas de compreender a experiência visual de um coletivo e as formas de representar circunstâncias historicamente específicas.

Para tanto, baseados no suporte fotográfico, na memória e na história social, integramos a noção de visualidade como uma ferramenta conceitual útil para ajudarmos a definir a noção de modos de ver entendida como experiência cultural de uma coletividade. A partir dali nos indagamos como em determinadas circunstâncias históricas, econômicas e políticas, regimes de (in)visibilidade constroem-se, se reproduzem socialmente e se fixam.

Referenciamos nossa pesquisa em imagens fotográficas garimpadas durante a investigação. Neste caso elas são provenientes da descoberta de antigo álbum familiar de fotografias dedicado a retratar a trajetória da construção da Fábrica Tipity, recentemente dado a conhecer publicamente por um dos herdeiros do seu mentor, o barão Kummer. As fotografias contidas nesses álbuns nos permitiram identificar e definir um particular padrão de visualidade de caráter epocal da região que acrescentou potencial referencial cognitivo e narrativo singular para a compreensão e reavaliação do patrimônio industrial no município de São Francisco de Itabapoana, Rio de Janeiro, durante a primeira metade do século XX.

Nossa compreensão do papel da fotografia parte do suposto que a fabricação e o uso de um conjunto de representações iconográficas - coleção ou álbum - definem um dispositivo que organiza a experiência social de uma comunidade e atuam como fator constitutivo de práticas culturais, portanto patrimoniais também. Alguns destes usos se expressam na apropriação de conceitos por parte de certos sujeitos ou grupos sociais para com eles nomear aspectos do mundo e recompor imagens que condensam determinadas intenções, traduzindo e legitimando imaginários e visões do mundo. Essas construções simbólicas operam a partir de seus circuitos de consumo e usos sociais e circulação para elaborar, fixar e reproduzir significados ou “comunidades de sentido”. A recorrência ou naturalização do uso de certas imagens-metáforas pode ser entendida, também, como a tentativa desses atores de “institucionalização” de um discurso e de um olhar particular sobre os fenômenos que denota.

Fato este que constitui tanto um risco como uma possibilidade interpretativa para conhecer Tipity.

Partindo dessas ideias e dos fragmentos documentais identificados, avançamos na tarefa de recompor e narrar um momento da história da agroindústria fluminense no limiar da primeira metade do século XX, mediante a leitura contextualizada de fotografias provenientes do álbum da Fábrica Tipity. Os álbuns fotográficos, especialmente os comemorativos, foram importantes peças documentais de propaganda durante o *boom* da consolidação do Estado Novo no país. Eles evidenciavam frequentemente cenas da modernização, do pioneirismo empresarial e do papel do Estado como molas do destarte do projeto de industrialização nacional, cujos efeitos na região repercutiram na configuração de forte e próspero setor agroindustrial do qual Tipity foi destaque. Nessa direção, apontamos o valor heurístico da pesquisa histórica com álbuns fotográficos como contribuição para o estudo do patrimônio agroindustrial da região, uma tarefa em construção.

Ao longo de nosso relevamento de Tipity, ensaiamos a arqueologia visual como procedimento tático da pesquisa interdisciplinar baseada em métodos e técnicas consagradas ao estudo da fotografia e das sociedades no tempo. A nossa proposta de arqueologia visual desenvolveu uma logística própria de descoberta, leitura e reescritura de um discurso imagético localizado às margens do cânone tradicional. Essa exterioridade nos permitiu metodologicamente o deslocamento epistêmico para o lugar do sujeito antropológico, possibilitando-nos interpretar as imagens fotográficas do álbum da Tipity como gestos rituais e textos-discursos elaborados pela ação humana deliberada em condições determinadas. De acordo com Pinheiro, o uso da fotografia na experiência da arqueologia visual de Tipity implicou adotar “um olhar que recorta, seleciona, escolhe; um olhar subjetivo cheio de emoção e de uma ideia de mundo: um olhar que interpreta [...] que supõe, ainda, outro olhar: o olhar do apreciador, com sua história de vida, sua cultura, sua emoção”.

A autora nos propõe o uso da fotografia para além do índice, como possibilidade metafórica, isto é, como “texto indireto e cheio de reenâncias, onde a coisa retratada pode esconder-se, e, no mais das vezes, esconde-se, para além da imagem, no imaginário” (PINHEIRO, 2000, p. 130).

Tecnicamente o momento de pesquisa fotográfica integrou diversas fases da investigação: A primeira de caráter exploratória foi dedicada ao trabalho de campo, reconhecimento do local e produção de imagens em series temáticas e etnografias. Simultaneamente transcorreu a pesquisa de fontes auxiliares, como memórias, testemunhos e relatos. A segunda fase foi pautada pela descoberta, higienização, digitalização e decupagem de acervo familiar composto por um álbum de fotografia industrial, um álbum de viagem e fotografias avulsas. Finalmente seguiu-se a etapa de edição e publicação das imagens, com a produção de dois vídeos e publicação digital do acervo. As imagens tratadas, compiladas e editadas possibilitaram reconstruir uma memória visual e uma arqueologia da experiência industrial de Tipity até hoje desconhecida.

## O JOGO DAS IDENTIDADES

É frequente constatar no mundo de hoje que os indivíduos na vida cotidiana se comportam cada vez mais de acordo com as suas competências identitárias. Estas, ao contrário de épocas recentes, deixaram de ser consideradas estáveis e rígidas, para se tornarem transitórias, plurais e autorreflexivas. As identidades sociais tradicionais passaram a ser objeto de escolhas e de possibilidades individuais, feitas de acordo com a própria percepção da estrutura das relações sociais e, portanto, desencadeadas em função dos recursos disponíveis e dos efeitos previsíveis. Deste modo as identidades passaram a ser entendidas como “expressões compostas de intersubjetividades”, nas quais a fronteira entre os fatores intervenientes (externos e internos) se tornou indecifrável.

Entende-se por identidades sociais as mediações constituídas entre a estrutura social e a ação dos sujeitos. Elas são feitas e refeitas a rebouque das mudanças sociais e das novidades culturais (KELNER, 1992). No meio da crescente complexificação atual das sociedades, a identidade tornou-se relacional, interativa e contingente, e remete-nos para uma estrutura pessoal, afetiva e cognitiva que é progressiva e continuamente (re)construída pelos sujeitos.

De acordo com Fortuna (1994), no devir atual, a construção das identidades está inscrita num dinâmico processo de permanente confronto entre o velho e o novo. No plano identitário, significa contínua reelaboração dos critérios de autovalidação pública dos sujeitos, que é variável de acordo com a multiplicidade de situações sociais do cotidiano e as transformações econômicas, políticas, culturais e socioambientais que constituem as sociedades contemporâneas. Esses critérios proporcionam contínuo reordenamento das matrizes de identidade dos sujeitos e dos grupos. A variedade e a sobreposição de narrativas e parâmetros interpretativos sobre as identidades sociais revelam como elas vão sendo alteradas de modo acelerado na atualidade e cedendo a identificações mais ou menos momentâneas e desordenadas.

Testemunhamos o fenômeno do descentramento do sujeito sociológico (HALL,2004) e a problematização das identidades, ao tempo que confrontamo-nos com um processo simultâneo de renovação do que R. Williams chamou de “estrutura dos sentimentos” de indivíduos e comunidades. Esse movimento equivale a uma deslocação das nossas metodologias de análise das genealogias e das relações sociais fixas e formais para uma compreensão do caráter mais fluido e movediço da sociedade (WILLIAMS,1977, p.133-134).

Um novo recentramento dos sujeitos nas sociedades contemporâneas se produz pautado pela valorização de outros signos culturais. Quais são estes signos? O consumo patrimonial é na atualidade um deles, assim como a busca pela contínua reinvenção das tradições nas comunidades integradas ao mercado.

Nessa dinâmica socioeconômica emergente problematizamos aqui o modo como as relações entre o espaço e o tempo se prefiguram no cotidiano dos sujeitos, e como, correlativamente, eles podem chegar a alterar os sentidos e os significados atribuídos a experiências, como no caso de Tipity, vinculando o fenômeno do patrimônio cultural e natural com a história, a cidadania e o mercado.

A arqueologia de Tipity se completa analisando a percepção das relações espaço-temporais contidas na alegoria das suas ruínas consideradas como metáfora identitária da região. Nossa presunção é que nas regiões periféricas e rurais do Norte Fluminense, ao contrário dos mundos urbanos, a presença das ruínas tende fundamentalmente a ser despercebida e ignorada tanto como referência de identidades sociais tradicionais quanto elementos da esteticização dos ambientes vividos. No extremo isto redundaria na evidência da carência, nos interiores do Estado do Rio de Janeiro, de iniciativas (públicas ou privadas) que contemplem elementos de valorização e educação patrimonial do legado industrial por meio dos quais os indivíduos e grupos obtenham níveis elevados de reconhecimento identitário e satisfação pessoal ou coletiva (como por exemplo o consumo cultural), ou no limite atinjam níveis de evasão das suas rotinas, ou ambos.

## O PESO SIMBÓLICO DA RUÍNA

Foi M. Foucault (1979) quem reconheceu com maior ênfase que os elementos físicos interferem nas classificações simbólicas da ação social. Assim a cultura material passa a conter um valor simbólico com consequências práticas nas relações sociais. Segundo Mukerji, “pontes, canais, caminhos de ferro, estradas e mesmo os trilhos dos bosques, precisamente porque organizam os movimentos humanos, contribuem todos eles para a formação (ou não) de laços sociais” (MUKERJI, 1994, p. 145).

As ruínas podem apresentar-se como portadoras de dupla qualidade: por um lado, como repositório de outros modos de vida, e por outro, como estímulo à construção imaginada do presente.

Essa construção reinventada do presente, feita a partir do fragmento disperso que é a ruína, será, dadas as condições de nossa época, uma construção parcial feita na medida de experiência do sujeito e socialmente evidencia um campo de possibilidades e de atribuição de sentidos.

Como observou M. Halbwachs (1950), as comunidades não conseguem reconstruir o seu passado coletivo e fazê-lo perdurar senão mediado pelas leituras do presente, pois se perdeu a “materialidade estruturante” daquele passado. Por isso mesmo, a ruína em seus diversos contextos espaciais (re)compõe uma nova ‘materialidade’, imaginada a partir do presente, o que confere à memória coletiva não apenas um caráter parcial, mas sobretudo ‘irreal’. Talvez vez devido a essa dupla qualidade, as ruínas podem ser interpretadas como sinais do passado no presente. No primeiro sentido, mais pessimista e tributário do imaginário romântico, as ruínas evidenciam transitoriedade e decrepitude. A sensação de decadência dos anteriores sistemas de vida e modelos produtivos e arquitetônicos que as ruínas comunicam vem se juntar à perda de confiança e à descrença no conhecimento contemporâneo (VAN REIJEN, 1992). Nesse primeiro sentido tudo é, como as ruínas o mostram, transitório e contingente: as ruínas não representam o passado, comunicam uma representação do presente sem futuro, a ser vivido aqui e agora, em acordo da satisfação pessoal dos indivíduos.

Figura 7 – Vista lateral das ruínas de Tipity



Entretanto as ruínas também constituem desde sua materialidade fragmentos e sinais de um passado específico cognoscível e misterioso. Ainda que imaginada, essa possibilidade nos potencia um sentimento que pode nos reconfortar, tanto pessoal quanto coletivamente. De acordo com D. Lowenthal (1975), o conforto do passado, por oposição ao presente e ao futuro, reside em quatro ingredientes específicos que, por analogia, podem ser adaptados aos sentidos positivos que as ruínas podem nos transmitir. O passado é sinônimo de antiguidade, ou seja, de proximidade com uma comunidade em que tecnologia e arte, cultura e natureza se equilibram. A ruína “antiga” contém esse sentimento de equilíbrio. A ruína também nos fala de um processo de criação cumulativa do qual descendemos e somos herdeiros, o que transmite segurança pessoal e social. Em terceiro lugar, o finalismo do passado está também contido no fragmento que é a ruína.

Ela é um sinal de estabilidade, de obra acabada, que outorga confiança perante a incompreensão e a desordem do presente. Por fim, o passado se configura como uma sequência, um traço de união entre dois momentos temporais, um aspecto que somos incapazes de atribuir ao presente. Por isso o ato de contemplar as ruínas nos traz conforto, porque nos ajuda a ordenar e a tornar entendível o seu passado.

Simmel (1959) atribuiu às ruínas capacidade de apaziguamento da consciência dos seres humanos. Sendo uma expressão do confronto entre a intenção humana e a contingência, a ruína é principalmente um sinal do conflito entre a natureza e o espírito. Nela se plasma a ‘vingança’ da primeira diante da violação que lhe infligira o segundo. Para Simmel se percebe um “ordenamento cósmico” que a ruína parece repor, restabelecendo um equilíbrio nostálgico entre a razão e a natureza, acima do espírito e da cultura dos seres humanos.

## EPÍLOGO

A arqueologia visual de Tipity devolveu a vida a uma experiência esquecida do interior do Rio de Janeiro, subsidiando e ampliando as possibilidades de uso da imagem na ressignificação patrimonial do passado agroindustrial fluminense. O resgate do álbum familiar, enquanto arquivo e fonte, compôs uma formação discursiva formada de diverso de objetos visuais que configuraram um espaço articulado de relações possíveis (textuais; intertextuais; contextuais; institucionais e subjetivas) que foram apropriadas para interpretar as ausências e restaurar o legado de Tipity. A opção metodológica nos possibilitou produzir, apoiado em indagações e fontes múltiplas, um inventário do discurso visual autoproduzido pela elite industrial fluminense, refletido no registro do barão Kummer. O repertório das imagens do álbum de Tipity pode ainda ser enriquecido somando-lhe a leitura da dimensão sincrônica dos acontecimentos retratados, incorporando ainda o *plus* simbólico da contemplação da paisagem residual de suas ruínas e entorno. Voltar a Tipity e ao passado desde as imagens de Kummer ajudou a revelar e compor evidências históricas da aventura industrialista de uma classe e de como uma ordem social se produz, sustenta e autorrepresenta. Nesse sentido, a ideia de arqueologia foi concebida como uma prática de observação, contemplação, pesquisa e reescritura, ou seja, uma transformação pautada na descoberta de Tipity, seus mistérios, silêncios e ausências.

Podemos afirmar que os muros destruídos e invadidos pela força da natureza, os restos remanescentes de recintos de trabalho e moradias repletos de ausências do que restou de imponente vitalidade fabril de Tipity são hoje sinais não de um passado glorioso, senão evidências do fracasso de um projeto de modernização abortado. A metáfora repetida de um ciclo de sucesso-insucesso e de negligência (política) de indivíduos e instituições, marcado pelo conflito de interesses entre o público e o privado que distingue a sinuosa trajetória histórica das elites e o setor agroindustrial no Norte Fluminense durante o século XX.

A fábrica desmoronada emergente na paisagem bucólica do sertão sanjoanense, com as suas ruas, sendeiros e moradias operárias, imponentes torres e chaminés assinalam, acima da reminiscência de um complexo industrial em ruínas, uma cultura arruinada. Que valor podemos atribuir a Tipity quando o passado é um destroço e o presente fica comprometido? Seguindo o pensamento de Simmel, pode-se dizer que para salvar o passado e respeitar o presente será preciso uma ação cognitiva e política capaz de restaurar e preservar o legado patrimonial e, persistentemente, “ revesti-lo do máximo encanto”. Reconhecendo o componente romântico de Simmel, o que nos importa é que a paz e a harmonia que exalam da contemplação das ruínas de Tipity, somadas à vitalidade de sua memória visual restituída, podem projetar-nos através da nossa “passividade positiva (SIMMEL, 1959, p. 261) para fora de nós próprios, para um lugar e um tempo fantásticos, sem limites, onde o homem se torna cúmplice da natureza, de seus mitos e da sua imaginação histórica.

Em suma, a leitura das imagens e a visita e contemplação do complexo Tipity contém um potencial fascinador: o da provocação da esteticização do espaço que as ruínas traduzem e o estímulo da imaginação histórica que a alegoria do patrimônio mobiliza mediante sua capacidade de suspender o nosso presente e nos fazer divagar. Acreditamos que as ruínas e os monumentos podem se transformar em lugares de memória que deslocalizam os sujeitos, e ao mesmo tempo os fixam em determinado espaço-tempo. Por esta qualidade o legado cultural e a força das ruínas de Tipity podem funcionar como “espacialização” da utopia, ao poder converter a nossa identidade na nossa alteridade.

Entendemos que a experiência da contemplação de imagens e das ruínas por via da dimensão estética, materialidade arquitetônica ou tecnológica e seu simbolismo podem juntas gerar estados de transitoriedade da condição social e dos estados psicológicos e das emoções dos sujeitos.

Observar ou ainda mais contemplar e experienciar qualquer coisa é torná-la objeto dos nossos sentidos; isto pode exercer uma influência sobre ela, transformá-la e consumi-la. A transformação do objeto impõe a do sujeito que, em última análise, se transfigura no ato da observação do mundo exterior. Daí que a arqueologia visual possibilita a redescoberta e valoração de uma estrutura de sentimento desaparecida, onde a contemplação de Tipity pode exercer também importante papel de mediação pedagógica, como afirma Duncan (1991), quando conclui que os visitantes desses lugares “trazem consigo o desejo e a capacidade de se transferir para um outro estado de receptividade [...] e um certo tipo de contemplação e de aprendizagem”.

Por tudo isso, defendemos que a reabilitação das ruínas de Tipity e seu legado, que começou com essa arqueologia visual e viagem pela memória social e afetiva do barão Kummer, pode avançar. Tipity pode-se converter em novo âmbito ritualístico e suporte para que, por meio de processos sociais de liminaridade (TURNER, 1969), se estimule o recentramento da identidade social e produtiva dos atuais habitantes do sertão sanjoanense, potencializando e estimulando novo compromisso comum com o futuro. As ruínas de Tipity, pela ambivalência interpretativa a que estão sujeitas, são lugares de memória privilegiados para que nos permitamos divagar no interior do seu legado, dando liberdade à nossa imaginação, e dessa forma consigamos propor uma mediação pedagógica patrimonial para recompor os laços identitários dos habitantes do seu entorno territorial com seu passado.

Pensar Tipity nesses termos expressa o propósito político de gerar através da educação dos sentidos um rompimento com as formas estabelecidas de ver, representar, narrar e de gerir a cultural local e seu patrimônio. Um dos caminhos para ampliar o horizonte de futuro dos habitantes dos interiores passa por mobilizar e qualificar amplos setores sociais para a coprodução de novos arranjos identitários e econômicos, aspectos que unidos fortalecem a vida democrática e ampliam a participação social na gestão comunitária da vida e da cultura dos municípios.

A procura da liminaridade no gesto da requalificação patrimonial das ruínas do complexo Tipity consiste numa forma expressiva possível que os atos e ritos culturais de uma comunidade podem chegar a assumir. Imaginamos que a requalificação patrimonial possibilitará pela via da educação à junção do conhecimento e à necessidade social, oferecendo a chance de vislumbrar novas vias transformadoras das condições de vida em escala local. Se todo objeto do passado pode ser convertido em testemunho histórico sem ter tido na sua origem um destino memorial, como demonstra a história, conhecer, comunicar e valorar o patrimônio cultural e o legado de Tipity, revestindo-o de encanto, poderá vir a se tornar um gesto político liminar e alternativo para modificar o destino do seu entorno e da sua comunidade.

---

## REFERÊNCIAS

ABREU, C. de. *Capítulos de história colonial e os caminhos do povoamento do Brasil*. Brasília, UnB, 1982.

ACRUCHE, R.P. *Apontamentos para a História de São Francisco do Itabapoana*. Rio de Janeiro: EdG, Editora Gráfica, 2002.

Almanak Mercantil, Industrial, Administrativo e Agrícola da cidade de Campos – compreendendo também os municípios de São Fidélis, Macaé, São João da Barra (Rio de Janeiro). Organizado por João de Alvarenga, para 1885. Ano Segundo. Campos: Typographia do Monitor Campista, rua do Concelho, 58, 1885.

AUMONT, J; MARIE, M. *Dicionário teórico e crítico de cinema*. Campinas: Papirus Editor, 2003.

BARCELOS, Á. *A linguagem da Baixada Goitacá*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1992.

BASTOS, J. de M. Depoimento. Antecedentes, desenrolar e consequências sociais do caso Tipity. In: KUMMER, L.K. *Assalto no município*. Uma Narração em três capítulos. Campos dos Goytacazes, S.E, 1947

CARVALHO, A. de. *Apontamentos para a história da Capitania de S. Thome*. Campos: Silva, Carneiro & Comp, 1888.

CARVALHO, J.C. *Olha para o céu, Frederico!* 4.ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1974.

-----, O coronel e o lobisomem. 18.ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975.

- CARVALHO, W.P. *Campos depois do centenário*. Campos dos Goytacazes: Damadá Gráfica e Editora, 1991, 1995. v.1, 2.
- CHOAY, F. *A alegoria do Patrimônio*. Lisboa:Edições 70, 2000
- DUNCAN, C. Art museums and the ritual of citizenship. In: I. KARP, I.; LAVINE, S. D. (Org.). *Exhibiting cultures: the poetics and politics of museum display*. Washington, Smithsonian Institution, 1991. p.88-103.
- ELIAS, N. *O processo civilizacional*. Lisboa: D. Quixote, 1989. v.1.
- FEYDIT, J. *Subsídios para a história dos Campos dos Goytacazes desde os tempos coloniais até a proclamação da república*. Campos: J. Alvarenga & Companhia, 1900.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia del saber*. México: Siglo XXI, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Discipline and Punish*. Nova York: Vintage, 1979.
- FREYRE, G. *Casa grande & senzala; formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 4.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.
- FORTUNA, Carlos. City culture, tourism and historical monuments: tourism and the representation of the past in two portuguese historical cities. In: WORLD CONGRESS OF SOCIOLOGY, 13., 1994, Bielefeld. Anais... Bielefeld [s.n.] 1994. (mimeo).
- FORTUNA, C.; FERREIRA, C. Estradas e santuários: Percurso sociorreligioso e motivações dos peregrinos caminhantes a Fátima. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v.36, p. 55-79, 1992.
- GIEDION, S. *Espace, temps, architecture*. Paris: Densel, 1978.
- GOMES, Â. de C. Propaganda política, construção do tempo e do mito Vargas: o calendário de 1940. In: BASTOS, E.R.; RIDENTI, M.; ROLLAND, D. (Org.). *Intelectuais: sociedade e política*. São Paulo: Cortez, 2003.
- HALBWACHS, M. *La mémoire collective*. Paris: PUF, 1950.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- JAMESON, F. Post-modernism or the cultural logic of late capitalism. *New Left Review*, v.146, p. 53-93, 1984.
- KELLNER, D. Popular culture and the construction of postmodern Identities. In: LASH, S.; FRIEDMAN, J. (Org.). *Modernity and identity*. Oxford e Cambridge (Mass.): Blackwell, 1992. p.141-177.
- KERN, S. *The culture of time and space, 1880-1918*. Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 1983.
- KUMMER, L.K. *Assalto no município*. Uma Narração em três capítulos. Campos dos Goytacazes: S.E, 1947.
- LACERDA, A.L. de. Fotografia e propaganda política: Capanema e o projeto editorial Obra Getuliana. In: GOMES, Â. de C. (Org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- LAMEGO, A.R. *O homem e o brejo*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lidador, 1974.
- LIMA, S.F. de. *Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica de consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1877-1954*. São Paulo: FAPESP, 1977.
- LOWENTHAL, D. *The past is a foreign country*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.
- MAUAD, A.M. Através da imagem: fotografia e história, interfaces. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 73-98, 1996.
- MUKERJI, C. Toward a sociology of material culture: science studies, cultural studies and the meaning of things. In: CRAINE, D. (Org.). *The sociology of culture: emerging theoretical perspectives*. Cambridge (Mass.): Blackwell, 1994. p. 143-162.
- NORA, P. Entre mémoire et histoire. In: NORA, P. (Ed.). *Les lieux de mémoire.*, 2. ed. Paris: Gallimard, 2001. Tomo 1: La République, p. 23-43.
- OSCAR, J. *Escravidão & engenhos*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1985.
- PINTO, J.R.P. *O ciclo do açúcar em Campos*. Rio de Janeiro: Erca Editora, 1975.
- PRADO JUNIOR, C. *Formação do Brasil contemporâneo (colônia)*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1945.
- REIJEN, W.V. Labyrinth and ruin: the return of the baroque. The Postmodernity. *Theory, Culture and Society*, v.9, p.1-26, 1992.
- SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagens pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1941. (Brasiliense, v. 210).
- SILVA, O.P. *500 anos de Campos dos Goytacazes*. Campos dos Goytacazes: Ed. Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, 2003.
- SILVA, R.R.G. da. *Digitalização de acervos fotográficos públicos e seus reflexos institucionais e sociais: tecnologia, consciência no universo digital*. (Tese de Doutorado) - UFRJ/ECO, Rio de Janeiro, 2000.
- SIMMEL, G. The ruin. In: WOLFF, K. *Georg Simmel: 1858-1918*. Columbus, Ohio [s.n.] 1959. p.259-266.
- TURNER, V. *O Processo ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Dramas, campos e metáforas*. Niterói: Eduff, 2008.
- GENNER, A.V. *Os ritos de passagem*. 2. Ed., Petrópolis: Vozes, 2011
- WILLIAMS, R. *Marxism and literature*. Nova York: Oxford University Press, 1978.